

ISTO É GENTE

Luciana Souza

A cantora fala sobre Tide, que recebeu uma das muitas indicações ao Grammy que já teve, do trabalho nos Estados Unidos e da saudade de um "Brasil utópico"

Mauro Ferreira
Agosto, 2010

LUCIANA SOUZA TINHA 18 ANOS quando saiu do Brasil para viver nos Estados Unidos. Hoje, com 44, a cantora paulista, filha dos compositores Walter Santos e Tereza Souza, é nome respeitado no seletor meio jazzístico norte-americano, colecionando indicações ao Grammy. A última foi por *Tide*, o álbum que lançou nos EUA em 2009 e que ganha agora uma edição brasileira. O disco une temas de autoria da artista e recriações do repertório de João Gilberto. Tudo lapidado por um canto apontado como "perfeito" pela revista norte-americana *Billboard*. Nesta entrevista à **Gente**, Luciana fala do trabalho, diz que não se incomoda pelo fato de ser mais conhecida nos Estados Unidos do que no seu País e conta como ganhou música inédita de Paul Simon.

Nos versos iniciais de "Adeus América", você fala da saudade do Brasil. É a expressão de um desejo real? Tenho saudade, mas não penso em voltar. Tenho uma vida estabelecida aqui, com marido (o baixista Larry Klein, produtor do disco), filho (Noah, de 2 anos), carreira. Sinto saudade de um Brasil utópico, que não existe mais. Por outro lado, ter gravado esse *medley* com "Adeus América" e "Eu Quero um Samba" é uma declaração de amor a meu pai e ao João (Gilberto).

Você canta um samba do Garoto, "Sorriu pra Mim", que João gravou. Qual a importância do João na sua música? Aprendi a cantar com o João. Ele é uma grande fonte de informação para mim, não somente na questão do canto, mas também no garimpo do repertório. Ele facilita a minha vida. Já abri um show dele no Hollywood Bowl (casa de shows de Los Angeles) e foi maravilhoso, uma honra. Nunca tentei esconder que sou filha da bossa nova. A bossa é a artéria onde eu vivo. As outras veias saem dali.

"A bossa nova é a artéria onde eu vivo"

Em que rótulo você é enquadrada nos EUA, no de jazz ou de bossa nova? Sou vista como cantora de jazz e isso é uma distinção. Nunca foi nomeada como cantora de world music, esse saco de gatos em que cabe tanto a (cubana) Omara Portuondo como uma cantora de Mali.

Incomoda o fato de ter um público reduzido no Brasil? Nem um pouco. Não é culpa do Brasil nem do brasileiro porque nunca cultivei esse público. Estabeleci uma relação de trabalho com os Estados Unidos. O meu ganha-pão é aqui. Claro que adoraria ser conhecida no mundo todo, mas foi tudo natural.

Como ganhou a inédita "Amulet", de Paul Simon? Foi um presente meio forçado (risos). Pedi e ele me deu. Mas deu de boa vontade (risos). Quando eu estava grávida

do Noah, Paul me chamou para cantar com ele e a gente se deu bem. Era uma época em que ele estava meio "seco" como compositor. Mas acabou fazendo duas músicas e me mostrou. Uma delas era "Amulet". Gostei e disse que queria para mim. E ele disse: "É sua."

Você musicou versos do E.E. Cummings (1894 - 1962) e do Paulo Leminski (1944 - 1989) para Tide. □ Tenho dificuldade para escrever letra. Prefiro, então, musicar versos de poetas mortos porque eles não me trazem problemas (*risos*). Minha mãe era amiga do Leminski. Fiz melodias e harmonias simples para realçar as poesias dele. É um caminho que gosto de seguir. Já fiz um disco todo de (*Pablo*) Neruda. Canto Drummond ao vivo, mas nunca gravei. Se eu tenho uma missão nessa vida, é democratizar a poesia.

Depois da bossa nova e do reconhecimento de Milton Nascimento, Djavan e Ivan Lins entre jazzistas norte-americanos, há novos nomes em voga aí? □ Há, sim. Mas isso é uma visão pessoal. O (*violonista e compositor*) Chico Pinheiro, todo mundo sabe quem é. Rosa Passos é bem reconhecida. E acho que Céu é o próximo grande nome. E tem a Marisa (*Monte*) que, fora do jazz, é admirada e respeitada.